



Epístola X

Ao Instruído rapaz,
Simão de Vries
B.d.S

Nota introdutória

Não temos a data precisa desta epístola, da qual temos conhecimento apenas pela *Opera Posthuma*¹. Endereçada a Simon Joorsten De Vries (1634-1667), amigo de Spinoza e proveniente de uma família de comerciantes², esta epístola versa sobre o conhecimento pela *experiência* a propósito da existência e da essência, especialmente, referindo-se ao conhecimento dos atributos. Ademais, Spinoza também responde à demanda de De Vries sobre a pertinência de certas proposições às ditas *verdades eternas* e convém neste ponto bem observar que a proposição exemplar tratada é claramente de matriz epicurista. *Nada se faz a partir do nada* [à *nihilo nihil fit*] é formulada por Lucrecio em *De Rerum Natura*, I, 149-150: “O princípio que para nós se assumirá como começo é que nenhuma coisa nasce a partir do nada, jamais por divindade.” [*Principium cuius hinc nobis exordia sumet, / nullam rem e nihilo gigni diuinitus umquam.*]. É certo que formulações difusas têm precedentes entre os eleatas, *e.g.*, Parmênides³ e Melisso⁴; contudo, faz-se mister conceder que sua expressão latina é, pelos escritos que nos chegaram da antiguidade, exclusivamente lucreciana. Essa relevante intertextualidade entre Lucrecio e Spinoza porta um interessante efeito teórico, sobretudo, pelo *diuinitus umquam* a partir do qual também se pode interpretar, no mínimo, a confluência de ambos os projetos filosóficos, o epicurista e o spinozano, a respeito do combate à superstição. Pode-se observar igualmente que, tomada em seu forte sentido epicurista, a fórmula *e nihilo nihil fieri* implica a apreensão etiológica da natureza das coisas em sua generalidade, amalgamando inteligibilidade e necessidade através de causas certas ou, nas palavras de Lucrecio, “sementes certas” [*certa semina*] e, assim, afastando qualquer possibilidade de intervenção divina que possa engendrar qualquer exceção à ordem natural. O liame entre o *diuinitus umquam* e a imperturbabilidade divina⁵ é patente no epicurismo,

1 Na *Opera Posthuma*, cuja numeração é distinta da edição feita por Gebhardt, é a epístola XXVIII.

2 Cf.: Vaz Dias, A. M. “Spinoza and Simon Joosten De Vries”. In.: *Mededelingen vanwege Het Spinozahuis*, 59, Delf, Eburon, 1989.

3 Cf.: Diels-Kranz, 28 B fr. 8, 9.

4 Cf.: Diels-Kranz 30 B 1.

5 É provável que Spinoza tenha lido o primeiro dos quatro remédios de Epicuro a partir da tradução latina de Gassendi: “O que é Beato e Eterno não tem ele mesmo quaisquer preocupações nem provoca aos outros. Assim, não se toma pela ira nem pela graça, uma vez que todas estas [coisas] são debilidades.”

o que se pode bem verificar também na estrutura de pensamento de Spinoza, *e.g.*, desde a equivalência entre *realidade* e *perfeição* [*realitas siue perfectio*]⁶ a *acquiescentia animi* (cf.: *Ethica, pars V*), no tratamento que dá aos *milagres* e na categoria de *leis naturais* [*leges naturales*] *etc.*

No que se refere à tradução, mantenho entre colchetes tanto termos relevantes que podem gerar outras interpretações a partir do original latino quanto ocorrências de substantivos plurais neutros nominativos ou acusativos que geralmente são traduzidos como “todas as coisas” [*omnia*], “aquelas coisas” [*illa*] *etc.* a fim de marcar apropriadamente quando há a ocorrência de “coisa” [*res*].

Epistola X.

Doctissimo Juveni,
SIMONI de VRIES
B. d. S.

Amice colende,

[1] Petis à me, an egeamus experiētiā ad sciendum, utrum Definitio alicujus Attributi sit vera? Ad hoc respondeo, nos nunquam egere experiētiā, nisi ad illa, quae ex rei definitione non possunt concludi, ut, ex. gr. existentia Modorum: haec enim à rei definitione non potest concludi. Non verò ad illa, quorum existentia ab eorundem essentia non distinguitur, ac proinde ab eorum definitione concluditur. Imò nulla experientia id unquam nos edocere poterit: nam experientia nullas rerum essentias docet; sed summum, quod efficere potest, est mentem nostram determinare, ut circa certas tantum rerum essentias cogitet. Quare, cum existentia attributorum ab eorum essentia non differat, eam nullā experiētiā poterimus assequi.

[2] Quòd porrò petis, an res etiam, rerumve affectiones sint aeternae veritates? Dico omninò. Si regeris, cur eas aeternas veritates non voco? respondeo, ut eas distinguam, uti omnes solent, ab iis, quae nullam rem, reive affectionem explicant, ut, ex. gr. à nihilo nihil fit; haec, inquam, similesque Propositiones vocantur absolutè aeternae veritates, sub quo nihil aliud significare volunt, quàm quòd talia nullam sedem habent extra mentem &c.

[*Quod Beatum, Aeternumque est, id nec habet ipsum negotij quicquam, nec exhibet alteri. Itaque neque ira, neque gratia tenetur, quòd quae talia sunt, imbecilla sint omnia.*] (Petri Gassendi Miscellanea. Diongenis Laërtij Liber X cum noua Interpretatione & Notis. Tomus Quintus. Lugduni, Sumptibus Laurentii Anisson, & Ioannis Baptistae Devenet. MDCLVIII, p. 51. Trad. minha, D.L.). Na tradução do texto grego: “Aquele que é plenamente feliz e imortal não tem preocupações, nem perturba os outros; não é afetado pela cólera ou pelo favor, já que tudo isso é próprio à fraqueza” (Epicuro. *Máximas Principais*. Texto, tradução, introdução e notas de João Quartim de Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 13.)

6 EIIDef.6: “Por realidade e perfeição inteliço o mesmo” [*Per realitatem et perfectionem idem intelligo*].

Epístola X

Ao Instruído rapaz,
Simão de Vries
B.d.S

Cultivado amigo,

[1] Você me demanda: se acaso precisamos da experiência para conhecer se a Definição de algum atributo é verdadeira? Sobre isso respondo que jamais precisamos da experiência, a não ser para aquelas [coisas] que não podem se concluir a partir da definição da coisa, como, por exemplo, a existência dos Modos: esta, com efeito, não pode concluir-se a partir da definição da coisa. É o contrário para aquelas que a existência não se distingue da essência, e, conseqüentemente, conclui-se por sua definição. Certamente, nenhuma experiência poderá nos ensinar isso, pois a experiência não ensina as essências de nenhuma das coisas; mas o máximo [*summum*] que ela pode nos levar [*efficere*] é a determinar a nossa mente para que pense somente acerca das essências das coisas. Por aí, uma vez que a existência dos atributos não difere da essência deles, não poderemos obter a essência por nenhuma experiência.

[2] Doravante, você me demanda: se acaso as coisas e também as afecções das coisas são verdades eternas? Digo sem dúvida que sim. Se você me replicar: por que você não as chama de verdades eterna? Respondo que para distingui-las, como todos estão habituados, daquelas que não explicam nenhuma coisa ou afecção da coisa, como, por exemplo, *nada se faz a partir do nada* [*à nihilo nihil fit*]; digo que esta e Proposições similares chamam-se verdades eternas absolutamente, pelo que nada querem significar senão não terem nenhuma sede fora da mente *etc.*

Tradução e nota:
Diego Lanciote

Sistema de Avaliação: revisão por pares “duplo-cego” (Double Blind Review)
Recebido em 20/11/2018. Aprovado em 08/01/2019.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.